

AS POSSIBILIDADES DO CINEMA NA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

A APROXIMAÇÃO DO CINEMA com a educação, sobretudo a escolar, ganha relevância e pertinência neste século XXI, dentro de um movimento de reflexão e transformação sociocultural. Seguindo um desenvolvimento guiado pelos valores do que chamamos cultura moderna, na qual a ciência, a razão e a disciplina apareceram como a base de sustentação do desenvolvimento e do Estado Moderno, a escola se organizou como um laboratório, comprometida em disciplinar os corpos e as mentes, como nos descreveu Foucault, em *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões (Petrópolis: Vozes, 1997).

Este projeto educacional escolar moderno sempre apresentou problemas, mas era de certa forma adequado a – e sustentado por – uma minoria que vivia de acordo com esses referenciais racionalistas e cientificistas: uma população que julgava colher os frutos da cultura moderna e de seus parceiros, o capitalismo e a tecnociência.

Contudo, chegamos à segunda década do século XXI imersos em uma grave crise mundial, que parece expor os limites do capitalismo e da educação moderna. No Brasil, alcançamos a universalização da escola no que se refere aos primeiros anos da escolarização, mas, ao mesmo tempo, nunca antes a escola esteve tão desacreditada e sem sentido. Esta crise não se restringe ao Brasil – é mundial – e buscamos entendê-la e solucioná-la. Cremos que uma das pistas a serem seguidas nessa reflexão é aquela que nos permite circunscrever os limites da cultura moderna como sendo uma cultura possível dentro de referências socio-históricas localizáveis, e não como a cultura mais evoluída e universal.

Seguindo essa pista, podemos nos lembrar de que educação e escola não são sinônimos, mas que a segunda é uma das modalidades da primeira. Assim, percebemos que a escola não é um elemento universal, tampouco natural, na história da humanidade, mas que a educação é,

sim, um elemento constituinte e identificador da humanidade. E esta educação não escolar é composta por trocas e produções culturais, simbólicas e linguísticas mais amplas. Desde que se tem registro, a humanidade canta, dança, pinta... Faz de seu corpo e seus sentidos instrumentos de comunicação e partilha de conhecimentos que envolvem experiências e afetos – conhecimentos espessos, intensos ou marcados e encarnados, para tomarmos um termo utilizado por Haraway, em *Saberes localizados*: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial (Cadernos Pagu, v. 5, p. 7-41, 1995). Nesse sentido, a escola aparece como elemento recente e artificialmente produzido como natural no que diz respeito à educação. Ao apostar na razão e em uma ciência normatizadora, em busca de discursos e leis universais, a escola produziu uma educação cada vez mais distante do corpo, do afeto e da experiência, fazendo com que, no mesmo movimento de sua expansão, sua falta de sentido também se ampliasse.

No que se refere à América Latina, nossa história de conflitos com – e dominação pela – cultura europeia parece encarnar essa tensão entre *educação* e *educação escolar moderna*, sendo a segunda uma visão reducionista e violenta da primeira. E, por isso mesmo, retomar as produções artísticas, culturais e cinematográficas como material privilegiado da educação nos aproxima de outra história, agora com nossas referências, nossos corpos, afetos, valores e escolhas. Uma educação assim também permitiria que pudéssemos criar política e, economicamente, referências e escolhas fortalecidas localmente, de modo a dialogarmos no cenário global em outras bases.

Fazer as artes, e entre elas o cinema, integrarem a educação escolar, nos parece um caminho de volta para casa, pois são elas que nos educam de forma ampla desde sempre. A mesma criança que fracassa na escola está atualizada sobre as músicas e danças que

compõem seu universo de trocas mais diretas. Está na produção e experimentação artística em contextos intencionais de educação a possibilidade de alcançar um projeto educacional que dialogue com os coletivos locais e globais que o século XXI nos apresenta, construindo-se de forma mais consistente. Se estas experiências artísticas e cinematográficas puderem acontecer num contexto no qual a crítica, a razão e a universalidade escolar se apresentem como ampliação – em vez de restrição – de horizontes, poderemos contar com uma produção cultural refletida e crítica, de alta qualidade política e existencial.

experimentemos sentidos e valores mais duradouros e para que consigamos fazer escolhas mais refletidas e críticas. Entendemos que o contemporâneo aparece aqui já como esta convivência de demandas temporais que precisam ser compatibilizadas: um tempo biológico, orgânico (de longa duração), um tempo socio-histórico (de média duração) e um tempo digital (instantâneo, real). Cremos que a marca da humanidade está em compatibilizar esses tempos e que as artes, dentre elas o cinema, são os instrumentos privilegiados para esta compatibilização, como defenderemos mais adiante. No entanto, temos tentado – ou temos sido levados a

O cinema nos permite criar um modo de relação com o mundo que nos remete aos modos de produzir conhecimento: por descoberta e por invenção.

Não se trata, portanto, de desvalorizar a escola e indicá-la como elemento estranho, a ser banido. Ao contrário, se a humanidade passou pela modernidade, ela de alguma forma nos compõe e deve ser pensada. Acontece que chegamos ao século XXI devido aos avanços tecnocientíficos forjados na modernidade. Rompendo com os referenciais desta cultura e nos permitindo ou nos exigindo testar outra nomenclatura para falar da cultura, adotamos o termo *contemporânea* – em diferenciação à modernidade. Escolhemos este termo por ele indicar uma convivência de tempos que nos permite incluir a modernidade no contexto atual.

Neste cenário contemporâneo, alguns elementos nos afastam da modernidade, outros agravam suas questões. A aceleração, a globalização e a virtualização provocadas e promovidas pelas dinâmicas digitais têm criado dificuldades para que desenvolvamos uma experiência coletiva de pertencimento, para que

– privilegiar a dimensão temporal da tecnologia digital, colocando-nos numa deriva maquínica que parece, muitas vezes, reduzir mais do que ampliar as potencialidades humanas.

Mas estão também nessa dinâmica contemporânea outras pistas que podemos seguir para pensarmos um projeto educacional no qual as artes possam novamente ocupar o lugar de agentes de inclusão e produção de coletividades, no qual os indivíduos humanos possam exercer suas singularidades e suas subjetividades, em uma socialização ampla e plena.

As mesmas aceleração, globalização e virtualização permitiram que vivenciássemos trocas e interações, equilibrando forças entre os indivíduos e a sociedade, e tomando mais simétricas e intercambiáveis as posições de produtor e receptor nas relações de comunicação. Em uma experiência de tempo instantânea e pontual como

as que experimentamos na fragmentação da rede, o sentido individual e o sentido do presente são valorizados, e a sustentação de hierarquias e poderes garantidos pelo tempo e pela tradição perdem força.

Aqui, o cinema surge como a grande arte capaz de promover a compatibilização temporal da qual estamos falando, sobretudo em sua atuação no território educacional escolar. Benjamin, em *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (Porto Alegre: Zouk, 2012), nos indica uma outra pista a seguir nessa construção, quando analisa, ainda nos anos 1930, a fotografia e o cinema como elementos da passagem da obra de arte aurática para a obra de arte marcada pela reprodutibilidade técnica. O autor já aproxima o cinema de uma velocidade que, ao longo do século XX, somente se agrava até a vigência do tempo real digital – digital que, aliás, será a materialidade do cinema e da fotografia no século XXI. E é nessa condição de fronteira e encontro entre humanos, máquinas, linguagens e símbolos que o cinema pode compatibilizar os tempos contemporâneos e colaborar para uma educação em outra dimensão política.

Em seu ensaio *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* (São Paulo: Cosac Naify, 2014), Jonathan Crary descreve como a subsunção dos ritmos humanos ao ritmo do tecnocapitalismo digital coloca em risco o que até o momento temos nomeado e identificado como sendo ser humano, e destaca que o futuro possível para a humanidade em risco estaria em ela ainda ser capaz de produzir sonhos e imagens coletivas, que ampliem as experiências de tempo para além e aquém do ininterrupto fluxo 24 horas por dia, 7 dias por semana.

O cinema na escola traz a novidade e a velocidade digital para poder parar, olhar, escolher, pensar, analisar. O cinema na escola traz a unidade do filme para fragmentá-la em planos, sequências, estilos, temas, argumentos e escolhas. E quando vamos filmar, partimos de elementos distintos para construir uma unidade. Des-

cobrimos o quanto de demora há em um minuto, um segundo de material filmado. O cinema na escola traz uma série de objetos e máquinas, filmadoras, microfones, telas, em torno das quais humanos, professores e alunos, agora se unem pela criação de algo novo, pela discussão de algo histórico, o seu sentido atual. Unidos em uma relação horizontalizada, negociada, distribuída por espaços escolares sem as marcações de obediência e poder das salas de aula. O cinema na escola traz o coletivo e o individual compatibilizados, pois um filme é feito por muitos e para muitos, mas cada um tem sua função e papel, e é pelo bom desempenho individual que a obra coletiva se torna técnica e simbolicamente plena. O cinema na escola traz os corpos ao trabalho, o olho da razão e o olho orgânico biológico. E o cinema nacional traz os corpos e olhares do meu lugar, do meu povo, daqueles que sou eu e não eu, daqueles que já fui e dos que posso ser. O cinema na escola nos permite conhecer localmente e globalmente a mim, minha turma, meu professor, minha escola e meu mundo, que é tão grande quanto as lentes e os filmes me permitirem alcançar.

Texto selecionado no Edital Filme Cultura Edição 62

*** ALINE VERISSIMO MONTEIRO** é professora adjunta de Psicologia da Educação da FE/UFRJ, coordenadora do projeto ITEC - Imagem, Texto e Educação Contemporânea (LISE/FE/UFRJ) e vice-coordenadora do Lecav - Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual (FE/UFRJ). É psicóloga pelo IP/UFRJ, licenciada em Psicologia pela FE/UFRJ e mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ.